



## Atlas Linguístico do Brasil: gênese, evolução e estágio atual

### *Linguistic Atlas of Brazil: Genesis, Evolution and Current Stage*

Vanderci Aguilera

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

vanderci@uel.br

<http://orcid.org/0000-0003-3052-3710>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo expor uma síntese histórica dos 25 anos de atividades do Projeto Atlas Linguístico do Brasil desde a sua gênese, ocorrida durante o Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em novembro de 1996, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) até os dias atuais. Uma vez assinada a *Carta de Salvador* pelos dialetólogos e sociolinguistas presentes àquele ato, compôs-se o Comitê Nacional sob a liderança da saudosa Suzana Cardoso, que passou a gerir os destinos do Projeto em nível nacional. Nos anos seguintes, o ALiB definiu os objetivos, estabeleceu os procedimentos metodológicos, priorizando a pesquisa de campo desenvolvida em 250 localidades: 25 delas representadas pelas capitais e 225 por pontos do interior dos estados. Embora dê ênfase à diatopia, o ALiB, acompanhando a tendência da geolinguística moderna, inclui-se na categoria de atlas pluridimensional ao contemplar alguns procedimentos metodológicos da sociolinguística, no que diz respeito ao perfil dos informantes, tais como o sexo, a faixa etária e a escolaridade (RADTKE; THUN, 1991). Publicados os primeiros volumes com os dados coletados nas capitais (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), a equipe finalizou para editoração o volume 3 e prepara os próximos volumes com dados das capitais e do interior do país. Durante este quarto de século, o ALiB cumpre seus objetivos, dentre os quais o de descrever a língua portuguesa falada no Brasil, disseminando seus resultados em eventos e veículos nacionais e internacionais, além de incentivar a formação de pesquisadores dos vários níveis acadêmicos.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico do Brasil; gênese; percurso; estágio atual.

**Abstract:** This paper aims to expose a historical synthesis of the 25 years of activities of the Linguistic Atlas of Brazil Project since its genesis, which took place during the Seminar Paths and Perspectives for Geolinguistics in Brazil, held in November 1996, at the Federal University of Bahia (UFBA) to the current days. Once the Salvador Charter was signed by the dialectologists and sociolinguists present at that event, the National Committee was formed under the leadership of the late Suzana Cardoso, who started to manage the Project's destinations at the national level. In the following years, the ALiB defined the objectives, established the methodological proceedings, prioritizing field research carried out in 250 cities: 25 of them represented by the capitals and 225 by points in the interior of the states. Although it emphasizes diatopy, the ALiB, following the trend of modern Geolinguistics, is included in the category of multidimensional atlas by including some methodological procedures of sociolinguistics, with regard to the profile of the informants, such as gender, age and education (RADTKE; THUN, 1991). After publishing the first volumes with data collected in the capitals (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), the team finalized volume 3 for editing and prepares the next volumes covering data from the capitals and the country's interior. During this quarter of a century, ALiB has fulfilled its objectives, such as describing the Portuguese language spoken in Brazil, disseminating its results in national and international events and vehicles, in addition to encouraging the training of researchers at various academic levels.

**Keywords:** Linguistic Atlas of Brazil; genesis; evolution; current stage.

## 1 Antecedentes

A ideia de um atlas linguístico do Brasil deve ter povoado os sonhos de muitos dos precursores da Dialectologia. É provável que, já em 1920, quando Amadeu Amaral publicou *O dialeto caipira*, descrevendo os aspectos fonéticos, lexicais, morfológicos e sintáticos do português falado no interior do estado de São Paulo, uma centelha de atlas linguístico deveria estar começando a brilhar na mente dos estudiosos da linguagem da época, de tal forma que Amaral, sabiamente, preconizara:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. **Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões** (AMARAL, [1920], 1976, p. 43, grifos da autora).

O trabalho de Amaral instiga pesquisadores de outros estados brasileiros a proceder a estudo dialetológico semelhante em suas áreas geográficas. Desse modo, em 1922, Antenor Nascentes publica o *Linguajar Carioca* e décadas depois retoma a discussão sobre variedade, dialeto e falar, reformula a sugestão anterior e propõe uma nova divisão do português falado no Brasil em dois grandes grupos: o Falar do Norte e o do Sul, com os subfalares Amazônico e Nordeste, no primeiro; e Baiano, Mineiro, Fluminense e Sulista, no segundo (NASCENTES, 1953, p. 16-17). Esta proposta de Nascentes tem servido de objeto de estudo para muitos pesquisadores do ALiB em monografias, dissertações, teses, artigos e capítulos de livros, conforme se verifica em Paim (PAIM, 2017, p. 191-253).

Dando sequência aos estudos dialetológicos, nos mesmos moldes dos antecessores, Marroquim publica *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco* (1934).

Teixeira, por sua vez, traz à luz estudos sobre os falares de Minas Gerais (1938) e Goiás (1944). Deste último, consta uma tentativa de esboço de cartas linguísticas com a inclusão de cinco mapas sobre fenômenos fonéticos recorrentes na variedade goiana. Ignorado pelos geolinguistas até recentemente, o trabalho de Teixeira, no entanto, precedeu em oito anos a proposta de um atlas linguístico do Brasil, instituído no Decreto de 1952 e em quase 20 anos o *Atlas prévio dos falares baianos*. Na página 61, por exemplo, Teixeira (1944) apresenta a Carta do L final que consiste no esboço de um mapa (cartograma) do sul de Goiás, incluindo em seu canto superior esquerdo a legenda com variantes relativas à apócope (siná), à “intensificação” (sinali), à conservação (sinal) e à mudança para r (sur). Essas variantes são distribuídas por dezoito pontos no interior do mapa. Não se trata, efetivamente, de um atlas nos moldes canônicos, mas é a primeira tentativa de fazer geolinguística com um número bastante reduzido de fenômenos e uma apresentação rudimentar de cartas.

Como se pode observar pelo Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, assinado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, nossos antecessores haviam despertado para a necessidade de um atlas nacional, dialogavam entre eles e se articulavam para a sua realização, como se pode depreender do texto desse Decreto que traz a seguinte redação:

Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento.

O PRESIDENTE DE REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição,  
DECRETA:

Art. 1º Fica instituído, na Casa de Rui Barbosa, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa.

Art. 2º O Centro ora instituído realizará seus estudos e trabalhos no domínio do direito e da filologia, e terá por campo de pesquisas a biblioteca e os arquivos da aludida Casa de Rui Barbosa e novas aquisições necessárias ao desenvolvimento dos seus trabalhos.

Art. 3º O Centro em referência compreenderá, inicialmente, duas Secções: a de Direito e a de Filologia, dirigidas cada qual por uma Comissão de especialistas convidados pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante parecer do Diretor da Casa de Rui Barbosa.

§ 1º Cada Comissão de que trata este artigo estabelecerá anualmente, um plano de trabalho em cuja elaboração poderão colaborar os professores universitários do Brasil, providos em cátedras de direito e de filologia ou em cadeiras afins.

§ 2º A Comissão de Direito planejará publicações de bibliografia jurídica, de jurisprudência e de história do direito, organizando catálogos de publicações jurídicas, legislativas, parlamentares e jurisprudências do Brasil; boletins de bibliografia brasileira e estrangeira, estudos sistemáticos de bibliografia e hemerografia de jurisprudência federal e das unidades da Federação.

§ 3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do “Atlas Lingüístico do Brasil” (BRASIL, 1952).

A década que se segue — de 1952 a 1961 — é profícua em palestras e cursos ministrados por Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Celso Cunha, nas Faculdades de Letras do Brasil, com o objetivo de criar uma mentalidade dialetológica entre os professores e alunos universitários, de despertar para a necessidade e urgência de descrever o português brasileiro por meio de atlas e discutindo as diretrizes metodológicas do fazer geolinguístico. Faz parte desse período a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, sediado em Porto Alegre, em 1958, onde mais de trinta dialetólogos do Brasil e do exterior expuseram os resultados de suas pesquisas locais (AMARAL, 2019).

No decorrer das três décadas seguintes são publicados os primeiros atlas estaduais, cada qual com uma metodologia própria quanto ao questionário, à coleta dos dados, ao perfil dos informantes, à composição da rede de pontos e à construção das cartas. Vêm à luz o Atlas prévio dos falares baianos (ROSSI, 1963), o Esboço de um atlas de Minas Gerais (RIBEIRO et al, 1977), o Atlas linguístico da Paraíba (ARAGÃO e MENEZES, 1984), o Atlas linguístico de Sergipe (FERREIRA et al, 1987) e o Atlas linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). Neste particular, se não foi possível à Casa de Rui Barbosa coordenar um projeto de abrangência nacional, devemos reconhecer que as obras de Nascentes, que contemplam os fundamentos para a elaboração do atlas do Brasil, e o atlas de Minas Gerais foram publicados por aquela Casa.

Caminhando para o estado mais meridional brasileiro, destacamos a atuação do dialetólogo Heinrich Bunse, no Rio Grande do Sul. Entre outros estudos, é relevante mencionar o artigo que trata dos estudos dialetológicos realizados no interior desse estado (BUNSE, 1969) no qual apresenta nove cartas lexicais sintéticas elaboradas com dados coletados indiretamente, isto é, por meio de correspondência enviada a diversos pontos de inquérito do interior gaúcho. Segundo o autor, trata-se de uma iniciativa rumo ao Atlas linguístico e etnográfico do Rio Grande do Sul, alicerçada nos princípios teórico-metodológicos de Silva Neto (1957) e de Nascentes (1958; 1961). Bunse, falecido em 1990, não pode ver seu sonho realizado, que só se concretizou em 2002 com a publicação do volume de cartas fonéticas do Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), sob a coordenação geral de Walter Koch, de 1987 a 2001 e de Cléo Vílson Altenhofen, de 2002 a 2007.

Com a publicação dos cinco primeiros atlas estaduais e um atlas regional em andamento, o Brasil havia adquirido a mentalidade dialetológica e a maturidade necessárias para lançar o grande projeto nacional do ALiB.

## **2 Atlas linguístico do Brasil: gênese e primeiros passos**

O ano de 1996 estava chegando ao fim quando, a convite da professora Suzana Cardoso, se reuniram na Universidade Federal da Bahia, nos dias 4 a 8 de novembro, dialetólogos e sociolinguistas de todo o Brasil durante o Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Ao final do evento, com a *Carta de Salvador*, foi lançado o desafio: retomar o sonho de nossos antecessores e elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, preconizado no ano de 1952.

Para isso, constituiu-se o primeiro Comitê Nacional do ALiB integrado por autores de atlas estaduais publicados (Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná) e por um representante de atlas em andamento (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS) e assim constituído: Diretora Presidente: Suzana Cardoso (UFBA), Diretora Executiva: Jacyra Mota (UFBA), Diretores Científicos: Maria do Socorro Aragão (UFPB), Mário Roberto Zágari (UFJF), Vanderci Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS).

O passar dos anos foi exigindo mudanças na composição do Comitê, tais como: com a publicação do ALERS, Aparecida Isquerdo (UFMS) passa a integrar o ALiB, como representante de atlas em andamento (Mato Grosso do Sul); publicado o Atlas linguístico sonoro do Pará (ALiSPA), ingressa Abdelhak Razky (UFPA); e, com o falecimento de Walter Koch (UFRGS), ocupa a vaga Cléo Altenhofen (UFRGS) que é substituído anos depois, a seu pedido, por Felício Margotti (UFSC).

Os anos seguintes ao lançamento do Projeto foram marcados por uma intensa agenda: (i) constituição do Comitê Nacional, redação do Projeto e definição da metodologia e, assim, compor a rede de pontos, definir o número e perfil dos informantes e elaborar os questionários (1997); (ii) publicação da 1ª versão dos Questionários e sua aplicação experimental pelos pesquisadores do Comitê Nacional em seus locais de origem, seguida dos reajustes necessários para obter melhores resultados, como aprimorar a redação das questões e ordená-las por campo semântico para facilitar a elicitación das respostas (1998); (iii) composição das equipes regionais a cargo de Diretores Científicos e divisão da rede de pontos pelas regionais para dar cumprimento à coleta de dados; publicação da 2ª. versão revisada e melhorada dos Questionários e novas testagens em campo (1999); (iv) encontros nacionais para readequar os procedimentos metodológicos, preparar a equipe de entrevistadores e de transcritores e testar os gravadores para a coleta de dados *in loco* (2000); (v) publicação da versão definitiva dos Questionários<sup>1</sup> e realização das primeiras entrevistas na localidade 126-Quirinópolis-Goiás (2001). Todos esses passos demandaram a reunião dos diretores científicos com a direção executiva em várias oportunidades, aproveitando congressos e outros eventos científicos a fim de otimizar os custos pessoais ou institucionais dos pesquisadores.

As etapas descritas foram precedidas de longas reflexões acerca do atlas com que sonhávamos e que atlas seria exequível naquele momento

---

<sup>1</sup> A publicação das três versões dos Questionários (1998, 1999 e 2001) foi custeada pela Editora da UEL, esta última com a impressão de 2000 exemplares.

com os recursos de que dispúnhamos. Tornou-se imprescindível, na largada, definir seus objetivos, dos quais destacamos: (i) Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística; (ii) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados; (iii) Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundarem o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. vii).

Para atingir os objetivos, compôs-se a rede de pontos, mediante um estudo efetivado pelo nosso saudoso Mário Roberto Zágari, da Universidade Federal de Juiz de Fora que, considerando a dimensão continental de nosso país (8 510 345,538 km<sup>2</sup>), as sugestões de Nascentes (1961, p. 19-22) e buscando a exequibilidade do projeto que seria desenvolvido por uma equipe pequena e com poucos recursos financeiros, propôs a investigação em 250 localidades (25 capitais e 225 do interior).

O Comitê Nacional considerou viável entrevistar quatro pessoas naturais de cada uma das localidades, contemplando falantes de ambos os sexos e de nível de escolaridade fundamental nos pontos do interior e oito nas capitais, nas quais foram inquiridos quatro informantes com nível universitário. O *corpus* constitui-se dos dados de 1100 informantes, distribuídos por duas faixas etárias<sup>2</sup>: entre 18 e 30 e 50 e 65 anos.

Para a realização da coleta de dados, após ajustes das equipes nas várias etapas, cada Regional teve a seguinte participação no trabalho de campo, conforme mostra o Quadro 1, elaborado por Cardoso (2014a, p. 23):

---

<sup>2</sup> O Comitê Nacional considerava importante inserir uma faixa etária intermediária (de 31 a 49 anos), ideia que foi descartada ao ponderar os custos financeiros e a demanda de mais tempo em cada localidade.

Quadro 1: Equipes Regionais: participação no trabalho de campo

Equipe Regional	Estados atribuídos	
	Etapa inicial	Etapa final
<b>Pará</b>	Pará, Amazonas, Tocantins	Pará, Amapá
<b>Ceará</b>	Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba	Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba
<b>Bahia</b>	Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro	Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Espírito Santo
<b>Mato Grosso do Sul</b>	Minas Gerais, Espírito Santo	Minas Gerais
<b>Minas Gerais</b>	Paraná, São Paulo, Amapá	Paraná, São Paulo, Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
<b>Paraná</b>	Paraná, São Paulo, Amapá	Paraná, São Paulo, Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
<b>Rio Grande do Sul</b>	Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Santa Catarina, Rio Grande do Sul

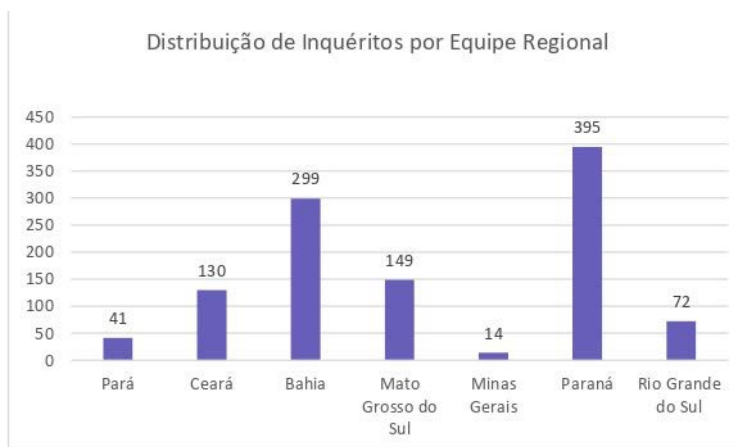
Fonte: Cardoso (2014a, p. 23).

A duplicidade de equipes em determinados estados, na etapa final, como a do Paraná e a de Santa Catarina atuando neste estado e no Rio Grande do Sul, significa que ambas as equipes fizeram a coleta de dados em momentos diferentes, de acordo com a disponibilidade de tempo e de recursos de cada uma na ocasião.



*A priori*, não foi possível estabelecer um cronograma fixo para a realização da coleta de dados uma vez que o Comitê não obteve apoio financeiro global, mas aprovações parciais de subprojetos enviados pelos coordenadores regionais a diversos órgãos oficiais de fomento tanto nacionais, estaduais ou das universidades de origem de cada diretor científico. À medida que uma equipe conseguia a verba necessária, o Diretor Científico e seus colaboradores colocavam-se em campo, realizavam as entrevistas, procediam às transcrições grafemática e fonética dos áudios e as enviavam à sede do ALiB, na Universidade Federal da Bahia, onde se encontra todo o acervo no Banco de Dados nacional.

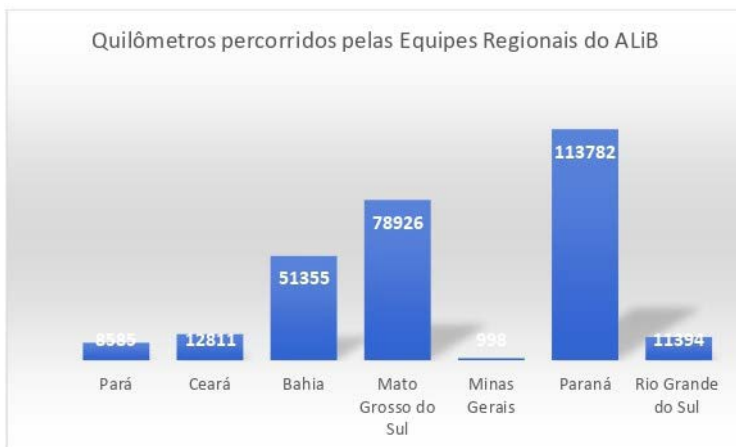
O Gráfico 1 traz o número de inquéritos documentados pelas Equipes Regionais



Fonte: Elaborado pela autora com os dados de Cardoso et al (2014a, p. 25).

A professora Suzana Cardoso gostava de enfatizar que, para a obtenção dos dados *in loco*, o ALiB percorreu 277 851 km o que equivale a quase sete voltas ao redor da Terra. Este périplo foi realizado, ao longo de 13 anos, por diversos meios de transporte: avião (de vários portes), ônibus, carro pessoal dos pesquisadores, táxi, motocicleta, bicicleta, barco, voadeira, a pé e também por *tuk-tuk*.

O Gráfico 2 mostra os Km percorridos pelas respectivas Regionais.

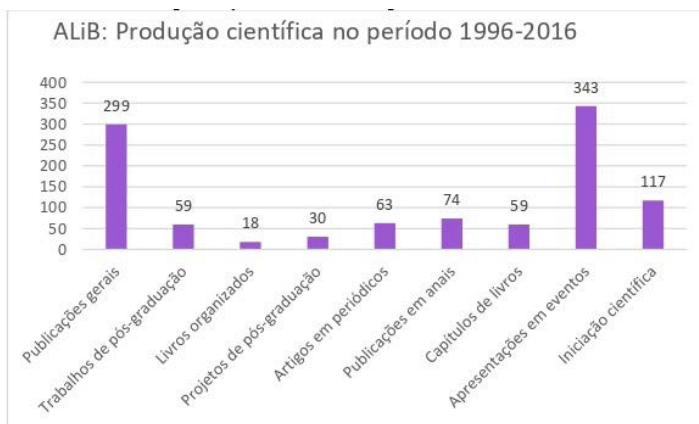


Fonte: Elaborado pela autora com os dados de Cardoso et al (2014a, p. 27).

### 3 Atlas linguístico do Brasil: síntese da caminhada de 1996 a 2016

A professora Marcela Paim, para a obra *Documentos 7 – 20 anos de ALiB*, fez um levantamento dos trabalhos realizados pela equipe entre 1996 e 2016 e apresentou os resultados em um artigo (PAIM, 2017, p. 191-253). Esses dados subsidiaram o Gráfico 3.

Gráfico 3: ALiB: produção científica no período entre 1996-2016.



Elaborado pela autora com os dados de Paim (2017, p. 191-253).

Paim (2107, p. 191) esclarece que, sob a rubrica *Publicações Gerais*, estão reunidos

os trabalhos produzidos por membros do Projeto ALiB de todas as Equipes Regionais, focalizando aspectos – análise de dados, questões metodológicas, questões teóricas em geral e interface com outros ramos do conhecimento – seguindo princípios teóricos diversificados e tratando de diferentes níveis de abordagem da língua.

Com relação aos 59 trabalhos de pós-graduação desenvolvidos com *corpus* do ALiB, em duas décadas (1996 – 2016), registramos que **32** deles abordam fenômenos fonéticos, assim distribuídos: duas teses, 21 dissertações, nove monografias; **20** tratam de estudos semântico-lexicais: quatro teses, dez dissertações e seis monografias; **seis** dissertações elegem como objeto de estudo dados morfossintáticos; e **uma** dissertação trata de atitudes linguísticas.

Os dezoito livros, nesse período, foram organizados por pesquisadores ou grupos de pesquisadores alibianos e versam sobre temas diversos: a Geolinguística no Brasil, coletâneas em homenagem a vários pesquisadores, como Michel Contini, Socorro Aragão, Jacyra Mota, Vanderci Aguilera, Aparecida Isquardo; artigos apresentados em eventos e os sete volumes dos *Documentos*, publicação oficial do ALiB desde 2004.

Além de Artigos em periódicos (63), em Anais de eventos (74) e Capítulos de livros (59), Paim (2017) destaca as Apresentações em eventos nacionais e internacionais (343).

O ALiB, em sua profícua trajetória, deu especial atenção à formação de jovens pesquisadores visando não só à continuidade de pesquisas que se alicercem no Banco de Dados coletado, mas também incentivando as futuras gerações a envidar esforços rumo à expansão do campo da Dialectologia e da Geolinguística para todas as Instituições de Ensino Superior do Brasil. Desta feita, os dados mostram que até 2016 se desenvolveram 56 Projetos de Iniciação Científica, com a publicação de dezoito textos completos em Anais de Congressos e Simpósios e 43 artigos na série *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando novos pesquisadores*, publicados em CD Rom desde 2009.

Para demonstrar a dinamicidade do Projeto, elaboramos o Gráfico 4 com a produção de 25 anos de existência do ALiB. Neste Gráfico, estão computados os dados de Paim (2017) e os extraídos do Currículo Lattes dos pesquisadores que compõem o Comitê Nacional, a partir daquele ano até o primeiro semestre de 2021.

Gráfico 4: Produção ALiB de 1996 a 2021.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados de Paim (2017) e os de Currículo Lattes dos pesquisadores do ALiB.

O Gráfico 4 mostra que, em todos os quesitos, houve um expressivo avanço na produção científica relativamente aos últimos cinco anos.

Depois de mais de uma década de atuação, o ALiB considerou importante divulgar, para toda a comunidade acadêmica do Brasil e do exterior, os trabalhos da Dialectologia e da Sociolinguística desenvolvidos em nosso país. Assim, nasce o Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS) cuja primeira edição efetivou-se em São Luís, no ano de 2010, homenageando a professora Socorro Aragão, autora do Atlas linguístico da Paraíba. Os demais CIDS ocorreram da seguinte forma:

- II CIDS – 2012 em Belém, Universidade Federal do Pará, homenageada Vanderci Aguilera.

- III CIDS – 2014 em Londrina, Universidade Estadual de Londrina, homenageadas Suzana Cardoso e Jacyra Mota. Nesse Congresso foram lançados os dois primeiros volumes do ALiB.

- IV CIDS – 2016 em Paris- Sorbonne Université Paris 3- homenageados Michel Contini e Harald Thun.

- V CIDS – 2018 em Salvador, Universidade Federal da Bahia - homenageados Marta Scherre e Adolfo Elizaicín.

Em 2020, o VI CIDS que aconteceria em Campo Grande, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, homenageando João Saramago e Dinah Callou, devido à pandemia provocada pelo Coronavírus 19, foi transferido para o ano de 2022.

#### 4 Atlas linguístico do Brasil: estágio atual e perspectivas

Atualmente, estamos concluindo o volume 3 do ALiB, aprovado pela Editora da UEL para publicação, com estudos referentes às cartas do volume 2. O lançamento está previsto para o dia 5 de novembro, por ocasião dos 25 anos do Projeto, em evento *on-line*. Igualmente estamos com o volume 8 da série Documentos do ALiB pronto para editoração, que traz artigos de diversos autores sobre temas inéditos, mas também outros explorados em eventos pelos componentes do Comitê ou por seus orientados.

A próxima publicação diz respeito aos Volumes 4 e 5 cujas cartas lexicais, fonéticas e morfossintáticas contêm os dados das capitais e respectivos estudos que não foram objeto dos volumes 2 e 3. Na sequência, virão à luz os Volumes 6 e 7 que envolverão os dados das localidades do interior. E assim sucessivamente.

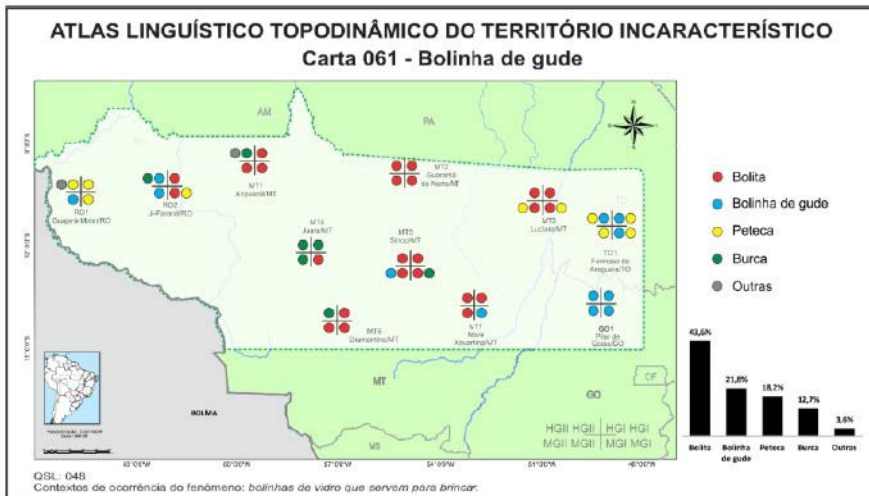
Sobre os estudos feitos com os dados das capitais e do interior, é interessante observar alguns temas explorados em teses e dissertações, além de outras produções como artigos, capítulos de livros, apresentações em eventos e publicações em veículos nacionais e internacionais, conforme destacamos na sequência.

O ALiB, desde o lançamento do Projeto em 1996, vem mudando os rumos da Geolinguística no Brasil, haja vista o número significativo de trabalhos de vários gêneros (teses, dissertações, monografias, artigos, conferências) desenvolvidos com base na metodologia e/ou com aproveitamento dos dados coletados. Dentre as quase duas centenas de estudos acadêmicos concluídos, selecionamos apenas três teses, para ilustrar nossa assertiva:

- (1) Silvana Ribeiro (2012) desenvolveu a tese sobre *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano* examinando “a atualidade da divisão dialetal do Brasil, proposta de Nascentes (1953), especificamente no que se refere à área do Falar Baiano, e a pertinência dos limites estabelecidos, considerada a realidade presente”. O *corpus* foi constituído pelas respostas dadas por 244 informantes distribuídos pelos 57 pontos representados pela área do Falar Baiano e a de Controle. Ribeiro conclui que:

O produto cartográfico apresentado e a identificação do Falar Baiano e das subáreas demarcadas demonstram que o léxico pode revelar áreas dialetais. A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida com maior profundidade, a área circunvizinha ao Falar Baiano. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas evidenciam a *diversidade na unidade* (RIBEIRO, 2012, p. 451).

- (2) Marigilda Cuba (2015) investigou a área que Nascentes (1953) denominou de *Território Incaracterístico*. A pesquisa *in loco* abrangeu onze localidades distribuídas pelos estados de Rondônia, Mato Grosso, Goiás e Tocantins. A autora, com base nos dados coletados e nas cartas elaboradas, propõe uma denominação mais condizente com a realidade linguística e social brasileira: passaria, então a ser um *Território multivarietal*, devido à coexistência de diversos falares do Português Brasileiro. Ilustramos com a carta 061 do ALTTI - Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico.



Fonte: Cuba (2015, p. 198).

A Carta 061 reflete, de forma exemplar, a condição de território multivarietal, expondo as quatro variantes mais produtivas para a bolinha-de-vidro no espaço examinado: *bolita* — de possível influência hispânica;

*bolinha de gude* — influência do Falar do Sul (RIBEIRO et al, 1977; ROMANO, 2015); *peteca* — do subfalar amazônico (CARDOSO et al, 2014b, Carta L18a) e *burca* (de búrca) — presente no Paraná.

- (3) Vanessa Yida (2019), em sua tese *Normas linguísticas em uso: uma descrição dos regionalismos no campo semântico da alimentação e cozinha do Projeto ALiB* analisa a distribuição espacial de variantes desse campo semântico, discute a dicionarização das formas coletadas e mapeadas, bem como a possibilidade de delimitar áreas de regionalismos lexicais do Português Brasileiro referentes à alimentação e cozinha. Para ilustrar, trazemos a Carta de Arealidade 2 (YIDA, 2019, p. 66) que expõe a área de abrangência de duas variantes para o *alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela*.



Fonte: Yida (2019, p. 66).

A Carta 2 de Arealidade da Questão 181 do ALiB mostra que a variante *canjica* se estende não só pela área do Falar do Sul (NASCENTES, 1953), mas avança gradativamente pelo espaço do Falar do Norte, onde *mugunzá* é predominante. As lacunas indicam o registro de variantes menos produtivas como *chá-de-burro*, *ui-ui*, a ausência de resposta por desconhecimento do referente ou a falta dessa iguaria no cardápio dos falantes.

Sobre as condições de exequibilidade do ALiB, é necessário salientar que, em quase todas as etapas do Projeto, obtivemos o apoio oficial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico–CNPq, Fundação Araucária (PR) e FAPESB, entre outros, sob a forma de bolsas para os pesquisadores, verba para cobrir parte das despesas de coleta de dados e publicação dos trabalhos.

Merece destaque especial a Universidade Estadual de Londrina que, por meio da EDUEL, custeou os 2000 exemplares dos Questionários 2001 (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), publicou os Volumes 1 e 2 do ALiB (CARDOSO et al., 2014a, 2014b) e está preparando o Volume 3.

Quanto às projeções para um futuro próximo, o ALiB vai na esteira do pensamento de Nascentes, a de que a feitura de um atlas linguístico nacional não é trabalho para uma geração. Ao contrário, considerando que a língua está em constante variação e mudança, é necessário que o projeto se renove e seja assumido pelas futuras gerações. O *corpus* coletado, temos certeza, dará subsídios para inúmeras teses, dissertações, monografias e artigos, por décadas.

A saudosa Suzana Cardoso, então Diretora Presidente, durante uma reunião do Comitê Nacional no final de 2017, expôs a ideia de cada Diretor Científico indicar um pesquisador de sua Regional para, ombro a ombro com a equipe veterana, dar prosseguimento às ações futuras. Novos pesquisadores passam a compor o Comitê Nacional: Marilúcia de Oliveira (UFPA), Conceição Ramos (UFMA), Silvana Ribeiro (UFBA), Marcela Paim (UFPE), Regiane Coelho (UFMS), Fabiane Altino (UEL) e Valter Romano (UFSC). Dessa forma, a inclusão de um grupo mais jovem visava garantir a continuidade e divulgação dos estudos do material coletado e, igualmente, a publicação dos próximos volumes cujo total é imprevisível, dado o montante de dados de que ainda dispomos. Com este pensamento, os pesquisadores alibianos vêm se preocupando em incentivar a Iniciação Científica nos cursos de graduação em Letras e, certamente, irão motivar jovens interessados em aprimorar os instrumentos da tecnologia e da informática, aplicando-os aos estudos geolinguísticos.



## 5 Considerações finais

Com este trabalho propusemos oferecer para a comunidade científica um panorama das ações desenvolvidas durante os 25 anos de atividades do ALiB com o objetivo de incentivar outros grupos de pesquisa rumo a uma descrição minuciosa do Português falado no Brasil.

O retrato do PB que ora oferecemos vem mostrando a gradativa prevalência da norma culta em detrimento da fala coloquial popular herdada de nossos antepassados. Os dados já apontam para essa tendência à homogeneização da língua em que regionalismos e expressões locais vão cedendo espaço a uma fala mais massificada cultivada pela educação formal. O ALiB, com certeza, vai facilitar o desenvolvimento de futuras pesquisas por ser o documento vivo de áreas dialetais que, propostas há quase setenta anos por Nascentes, estão caminhando — esperamos que lentamente — para a sua diluição.

## Referências

AGUILERA, V. de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

AMARAL, M. P. Um marco dos estudos dialetológicos: I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia. *Investigações* (online), v. 32, p. 419-435, 2019.

ARAGÃO, M. S. S. de; MENEZES, C. B de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, v. 2, 1984.

BRASIL. *Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952*. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Brasília, DF: Portal da Câmara dos Deputados, *online* [1952]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 20 de julho de 2021.

BUNSE, Heinrich A. W. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

CARDOSO, S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S. de; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTEHHOFEN, C. V. *Atlas Linguístico do Brasil*, Introdução, vol. I. Londrina: Ed. UEL, 2014a.

CARDOSO, S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S. de; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. *Atlas Linguístico do Brasil*, Cartas, vol. II. Londrina: Ed. UEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CUBA, M. A. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*. 2015. Tese (Doutorado), 497p. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

FERREIRA, C. S.; ANDRADE, N.; MOTA, J. A. CALLOU, D. I.; CARDOSO, S. A. M. A.; FREITAS, J. M. A. ROLLEMBERG, V. L. S. ROSSI, N. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Curitiba: HD Livros, 1934, 1996.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1958 v. 1.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1961 v. 2.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 2 e., 1953.

PAIM, M. M. T. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: a produção de 20 anos. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C.; TELES, A. R. T. F. *Documentos 7: ALiB: 20 anos de história*. Salvador: Quarteto, 2017.

RADTKE, E.; THUN, Harald. *Nuevos caminos de la Geolingüística Románica. Un balance*. In: *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik:*

Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1991, p. 25-49.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. P. *Esboço de um Atlas de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIBEIRO, S. C. 2012. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano* 2012. Tese (Doutorado), 3 v. 793 p. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado), 2 v. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TEIXEIRA, J. A. *Estudos de Dialetoologia portuguesa: linguagem de Goiás*, São Paulo: Anchieta, 1944.

TEIXEIRA, J. A. *O falar mineiro*. São Paulo, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da alimentação e cozinha do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. Tese (Doutorado), 391p. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

Recebido em: 20 de agosto de 2021.

Aprovado em: 19 de novembro de 2021;